

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte:

O Estado de São Paulo

Class.:

Data:

19.04.86

Pg.:



Foto Kenji Honda

Ao olhar a machadinha, os índios se emocionaram

A emoção dos craôs ao rever a sua machadinha

Nove índios da tribo craô não esconderam sua emoção ao rever, ontem, o Coiré: uma velha machadinha sagrada, que lhes foi tirada há 40 anos. Descoberto no Museu Paulista, da USP, no Ipiranga, o Coiré poderá voltar para os craôs e seus guerreiros esperam, com isso, reconquistar a alegria das festas e dos cantos.

Foram anos de pacientes caminhadas à procura do instrumento — quase um santo para esta tribo das margens do Tocantins, no Norte de Goiás. Sem a machadinha, carregada pelo antropólogo alemão Harald Schultz, em 1947, Cro-crô, conselheiro dos craôs, conta que “a tristeza tomou conta da aldeia e as canções nunca mais foram as mesmas”.

Ontem à tarde, o diretor do Museu Paulista, Orlando Marques De Paiva, recebeu os craôs em seu gabinete, sentiu sua alegria e emocionou-se com a religiosidade dos índios. Concordeu que o lugar da machadinha sagrada é junto da tribo, mas explicou que a decisão depende do reitor da USP, José Goldemberg, a quem enviará ofício solicitando a devolução do coiré.

Os índios não esperavam que o encontro fosse amistoso. Ao contrário, achavam que haveria muita resistência. Ailton Krenac, da União das Nações Indígenas, explicou: “As

relações dos índios com os civilizados, principalmente quando reivindicam alguma coisa, sempre foram muito traumáticas. Daí, a nossa preocupação”.

Mas bastaram alguns minutos de conversa com o diretor do museu para perceberem que havia cordialidade e interesse em atender o pedido. “Diante da grandeza do pedido de vocês, não tenho dúvidas de que a machadinha será devolvida”, prometeu Orlando Marcos. Os craôs acharam que ele tem “coração e espírito diferente dos civilizados”.

Esperançosos, os índios foram rever o coiré. Não puderam tocar na machadinha — estava numa vitrina, junto com outros objetos craôs — e não gostaram da inscrição que a identificava: “emblema do melhor cantor da aldeia”. O coiré é muito mais que isso. É o símbolo do surgimento da nação craô, há mais de cinco mil anos, e está intimamente ligado ao dia-a-dia do indígenas. Dá vida à tribo, que canta, dança, trabalha e caça em torno dele.

Sua lenda começa há milhares de anos, quando o genro de Hartán, primeiro chefe dos craôs, conseguiu o coiré de uma divindade espiritual que “cantava belas canções”, após vencer pântanos, fogo e fortes ventos.